

sumário

2 MENDO CASTRO HENRIQUES
NOTA DE ABERTURA

reflexões

3 Artur Morão
A MODERNIDADE E OS SEUS PARADOXOS

5 José Adelino Maltez
MOVIMENTOS SOCIAIS CRISTÃOS EM PORTUGAL

7 Carlos Morujão
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE CRISTIANISMO E DEMOCRACIA

9 Marcos Farias Ferreira
TADEUSZ MAZOWIECKI

10 Paulo Amorim
SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA

11 Luc Ferry e Alain Renaut
PENSAR OS DIREITOS HUMANOS

recensões

15 José Luís Martins

16 Elísio Gala

18 Elísio Gala

19 António Campelo Amaral

22 Manuel Silvestre

23 Mendo Castro Henriques

26 Paulo Costa

actividades

27

PROJECTO INEU

TRADUÇÃO CIENTÍFICA DE ARISTÓTELES

PROJECTO VIDEO MELIORA

INVESTIGADORES

PROGRAMA SÓCRATES

III COLÓQUIO GEPOLIS 1996

colóquio

28

SEMINÁRIO • CURSO LIVRE

Nota de abertura

por MENDO CASTRO HENRIQUES

Com este terceiro boletim, vem o GEPOLIS anunciar e preparar a sua actividade no ano de 1996.

Na senda do que anteriormente tem sido feito, as reflexões e parte das recensões que se seguem, têm como finalidade lançar pistas para o III Colóquio Cristianismo e Democracia, este ano no formato de Seminário e Curso Livre. No Seminário e nos treze painéis do Curso Livre, serão reflectidos alguns dos desafios que o mundo de hoje coloca à relação entre cristianismo e democracia, em matérias tais como a dignidade e direitos humanos, liberdade e responsabilidade, valores universais e multiculturalismo, soberania e múltiplas pertenças, cidadania e secularização, imputabilidade política e justiça social.

O Colóquio decerto lançará pistas para observar que papel teve o Cristianismo na vivificação da democracia, em particular mas não exclusivamente em Portugal. Disso serão exemplo os painéis sobre a democracia cristã em Portugal, temática ampla que extravasa a constituição de forças políticas de modo a abranger a busca de uma visão consensual da sociedade nacional. É preciso considerar, na relação entre cristianismo e democracia, os sistemas políticos em que a Igreja participou. Será de debater se a relação entre democracia e Igreja tem sido ambígua na história recente, ou se poderia ser de outro modo. O magistério da Igreja não aponta um ideal político modelar, não identifica a comunidade eclesial a nenhum sistema de governo, nem existe para providenciar um ethos para a democracia. Esta situação, contudo, não significa que o sistema político lhe seja indiferente. A Igreja opta, no mínimo, pela forma de Estado que melhor garantia oferece para o cumprimento da missão eclesial. A afinidade entre comunidade cristã e as comuni-

dades de povos livres foi sempre reconhecida na tradição do magistério, por exemplo na recente Centesimus Annus.

A filosofia da religião tem um lugar próprio no conjunto dos discursos sobre o que McPherson chamou "o mundo real da democracia", ao qual pode oferecer uma justificação mais profunda do que a da cultura do individualismo possessivo e do colectivismo proteccionista a que a história moderna associa a democracia. Citemos, como exemplo de temas teológicos com evidentes repercussões éticas e políticas, a Encarnação, a Igreja, a Trindade, a tradição profética. O profetismo anuncia a reconciliação dos povos em torno do shalom. A doutrina da Trindade é importante para o debate individualismo/ colectivismo e desenvolve uma visão da sociedade em que direitos individuais e bem comum são complementares. A doutrina da Encarnação é central para o debate sobre realidade multicultural e género humano, hierarquia e relações de poder, pecado e conversão. A doutrina da ekklesia como comunhão participativa universal é essencial para o desenvolvimento da noção de comunidade. Sem dúvida que estes e outros temas na fronteira entre teologia e filosofia, em particular da filosofia que pensa em português, surgirão ao longo dos debates.

Pretende-se que o Colóquio contribua para analisar o estado actual da democracia, como sistema e como visão. Trata-se de entender, no horizonte em aberto dos processos democráticos, o significado da soberania popular, nas suas modalidades indirecta, participativa e representativa, o empenhamento da sociedade civil, o papel das instituições eleitorais. Enquanto sistema poliárquico, no sentido de Robert Dahl, a democracia comporta os princípios e procedimentos cons-



FICHA TÉCNICA

Esta Boletim é impresso em papel reciclado

PROPRIEDADE: GEPOLIS UCP, Faculdade de Ciências Humanas, Palma de Cima 1600 Lisboa. Tel. 721 40 00
DIRECÇÃO: Manuel da Costa Freitas. COORDENAÇÃO: Mendo Castro Henriques. Edição: António Amaral
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Centro de Publicações da UCP. TIRAGEM: 500 exemplares. Preço: 350\$00

titucionais equibradores que se tornaram o acervo histórico dos regimes ocidentais. Por outro lado, a visão democrática da igualdade de oportunidades é a esperança e a expectativa de que igualdade e diferença sejam justamente respeitadas, na medida em que a responsabilidade pelo bem comum seja tomada como superior ao interesse individual.

O sistema democrático que emergiu da cristandade ocidental, dos seus povos,

e instituições religiosas e seculares, e que contribuiu para uma visão que se globalizou, vive hoje um momento de transição. Num momento em que a democracia carece de renovada justificação e de renovação do seu modo de operar, e apesar de secularizada em utopias várias, algumas delas virulentamente anticristãs, a Igreja é um dos guardiões da mensagem profética do shalom, que nasce em Jerusalém, mas que tem particular força nas transições políticas do mun-

do de hoje, em Portugal como noutros países onde a identidade cristã é um elemento definidor do campo social da consciência. Por todos estes motivos, deseja-se reflectir nestas questões e outras afins, numa abordagem que se tornará multidisciplinar à medida que os trabalhos decorram, e em que as visões teológicas da identidade cristã e do magistério da Igreja estejam em contacto, e em tensão, com as propostas de análise das Ciências Humanas e da Filosofia.

A Modernidade e os seus paradoxos.

Esboço de uma leitura teológica

ARTUR MORÃO

"À Antiguidade faltou um elemento de paixão: a paixão profética do messianismo cristão. A fome e asede insaciáveis de justiça que a nossa civilização traz no seu sangue como herança do cristianismo não nos deixar parados à maneira dos estóicos da antiguidade. O pensamento moderno é uma mistura de crenças cristãs e de dúvidas gregas. As crenças cristãs e as dúvidas gregas são logicamente incompatíveis e o conflito entre as duas manteve vivo e criativo, e sem precedente, o pensamento ocidental. Mas esta mistura é um fundamento instável. O totalitarismo moderno é uma consumação do conflito entre a religião e o cepticismo. Resolve o conflito inserindo a nossa herança de paixões num enquadramento de propósitos materialistas modernos. As condições para semelhante resultado não existiam na era antiga, antes de o cristianismo ter ateadado novas e vastas esperanças morais no coração dos homens."

(Michael POLANY, *The Logic of Liberty. Reflections and Rejoinders*, Chicago, CUP, 1951, 1980, pp. 109-110)

"A negação da metafísica pode identificar-se com o triunfo da trivialidade."

(Peter L. BERGER, *A Rumour of Angels*, Londres, 1969, p. 94)

I PROLEGÓMENO

O fenómeno da modernidade, de tão complexo, suscita numerosas e contrastadas leituras, quase sempre reciprocamente exclusivas, e remete para diversos campos: filosofia, política, sociedade, história, arte, literatura, ciência, técnica e outros, que, em virtude da sua especificidade, intensificam a polissemia do termo e multiplicam as interpretações da realidade por ele abrangida. A constatação é, pois, a de uma ausência de significado uniforme a propósito da expressão "moderno" que engloba muitas e variadas práticas e atitudes.

À setecentista "querelle des anciens

et des modernes", que contrapunha os valores emergentes das culturas da Europa iluminista à autoridade da Antiguidade clássica e se centrava mais na literatura (embora tivesse igualmente implicações políticas), seguiu-se a consciência da modernidade própria do séc. XIX, que se centrava mais nos meios técnicos ou na inovação estética.

Desde então até agora, que diferenças na apreciação do "moderno"! É impossível harmonizar a "modernidade" (e a multiplicidade dos seus rostos) tal como foi vista e entendida por F. R. Chateaubriand e R. Wagner, por F. Nietzsche e Baudelaire, por Max Weber, Ernst Troeltsch e G. Simmel, por Th. W. Adorno e W. Benjamin, por J.-F. Lyotard e seus

seguidores, por M. Heidegger, M. Foucault, J. Habermas ou E. Severino, por historiadores como A. Toynbee, Paul Hazard e Jean Delumeau, por sociólogos como N. Elias, A. Touraine, Antony Giddens, etc.

Uma interpretação teológica é, pois, também legítima, e por várias razões. Primeiro, teólogos notáveis já há muito a realizaram, e com grande acutilância. Entre outros, lembre-se Romano Guardini que, em certos aspectos, se antecipou à temática dos actuais pós-modernos, na análise finíssima que propôs do "fim dos tempos modernos", no rastreio atento que fez das relações entre cristianismo e cultura e na sua profunda indagação do espírito da técnica ocidental; ou evoque-se Paul Tillich com a sua teologia da cultura, a sua acentuação do "princípio protestante" na modelação do espírito europeu, e a sua análise das distorções causadas na nossa civilização pelo "demoníaco"; ou mencione-se ainda o panorama grandioso que H. Urs von Balthasar traça na sua "estética teológica", ao perinvestigar a relação fundamental entre o mistério da Encarnação, a ontologia e a estética do ser criado, ao denunciar a ligação entre a obnubilção da glória de Deus na criação fomentada pela Escolástica tardia (com a sua influência posterior na metafísica europeia que esconde em si um "a priori teológico") e a conquista do mundo externo mediante uma técnica interesseira e calculista; e não se esqueça também o filósofo e teólogo Georg Picht, que realça a superstição efectiva da era moderna, a saber, de se ter emancipado do mito, a propensão teomórfica que atravessa todo o tecido cultural dos últimos sé-